

Carta de Vladimir Herzog a Geraldo Sarno e Sérgio Muniz

Londres, 22 de outubro de 1966

Londres, 22-10-1966

Caros Sérgio e Geraldo.

Cá estou de volta da malfadada viagem à Alemanha. Digo malfadada porque, no fim, a coisa não valeu a pena. Explico: *Viramundo* chegou atrasado a Mannheim e não pôde entrar em concurso, de modo que minha presença ali resumiu-se quase exclusivamente em aturar filmes ultramedíocres e devorar fileiras de salsichas com chucrute. Aconteceu o seguinte: como talvez vocês já saibam, o Claude Nedjar sofreu recentemente um grave desastre de automóvel (creio) e, segundo consta, ficou desacordado vários dias. Quando voltou a si soube-se que a única cópia disponível do filme se encontrava no Canadá (!) de modo que telegrafaram imediatamente para que fosse enviada a Mannheim. Assim a dita chegou lá, mas umas duas a três horas depois que a comissão de críticos examinou as fitas concorrentes ao prêmio “Simone Dubreuil”, que acabou sendo concedido à fita inglesa *The War Game* que, aliás, eu gosto muito como já lhes escrevi em cartas anteriores. O engraçado é que depois, falando com um dos membros da comissão, soube que mesmo se a cópia tivesse chegado em tempo não poderia ter sido vista pois na sala em que os filmes foram projetados para o júri não havia projetor de 16 mm. O que, evidentemente, me deu vontade de mandar o Talmon-Gros à puta que o pariu. Mas a sacanagem não terminou aí. Diante do inevitável, eu fiz ver ao Gros que, mesmo fora de concurso, gostaria que o filme fosse exibido. Ele então fez cu doce dizendo que a programação já estava demasiado comprida e que não havia jeito de incluir *Viramundo*. Conversa vai conversa vem, acabou concordando em encaixá-lo num programa matutino, depois de dois filmes de Von Sternberg (retrospectiva à qual o dito estava presente em pessoa). Naturalmente não era o ideal, mas como não havia outra saída, aceitei. Imediatamente distribuí entre os principais críticos, jornalistas e pessoas conhecidas um material mimeografado que levei (o poema e os dados estatísticos) avisando-os do horário e local em que o filme seria exibido. Mas qual não foi minha surpresa ao chegar no dia seguinte ao local e encontrar um comunicado à imprensa, em alemão, dando um horário e local completamente diferentes dos que havia combinado com o Gros. Com o sangue já começando a me subir na cabeça, comecei a correr por todo lado avisando quem podia avisar da alteração. Assim fizemos uma projeção numa salinha da secretaria da Educação de Mannheim, em horário duas vezes alterado, impróprio (meio-dia) e qual não foi minha surpresa quando apareceram mais de vinte pessoas, quase a lotação da salinha. Ao fim, o pessoal gostou muito, cumprimentou-me, fizeram algumas perguntas, outros indagaram da possibilidade de mostrar a fita em suas respectivas cidades (dei-lhes o endereço do C. Nedjar). Mas eu queria que o grande público visse o filme e voltei à carga junto à organização do festival. Quase precisei recorrer a ameaças para que incluíssem o filme, nesta mesma tarde, na programação normal. Assim *Viramundo* foi exibido pela segunda vez na rabeira de um programa de três horas e meia, e as cento e tantas pessoas que tiveram o saco de aguentar um quilo de horríveis curtas-metragens mais um horroroso longa-

-metragem polonês puderam ver nosso filme e também o aplaudiram no final. De modo que, em certo sentido, a bagunça até que foi útil, pois *Viramundo* acabou sendo visto por um razoável número de pessoas, pessoas que realmente estavam interessadas em vê-lo, como o evidenciam as circunstâncias. Bem, gente, estas foram em resumo as peripécias do festival, um dos piores que já presenciei. Quanto à tradução simultânea, funcionou (modestamente) às mil maravilhas. De gente conhecida vi apenas o Marcocelles e Marcel Martin. No último dia encontrei um rapaz que vocês devem conhecer, principalmente o Geraldo, de quem o dito diz ser muito amigo. Trata-se de Jorge Bodanzky, que esteve no curso de Brasília e atualmente está em Ulm estudando cinema. Ele, aliás, pede ao Geraldo para que, se possível, passe por lá na volta de Leipzig e leve *Viramundo* pois quer mostrá-lo aos colegas. O endereço dele é: Hochschule für Gestaltung, Postfach 362, 79 ULM, Western Germany.

Na volta para Londres passei por Bonn, Colônia e Paris. Em Bonn, o diretor da Sociedade Teuto-Brasileira, prof. Hermann Görgen, mostrou interesse em promover a exibição de filmes brasileiros na Alemanha (tv inclusive) mas salientou que apenas os que dessem uma “imagem positiva” do Brasil, país que ele “adora”. Tendo isto em mente, quem sabe vale a pena entrar em contato com o sujeito. O endereço é: Schumannstrasse 2-B, BONN. Em Paris falei rapidamente com o Thomas, preocupadíssimo com as broncas de Melanie se ele demorar a voltar. De modo que podem imaginar o “tom” da conversa...

O sujeito de Bristol é: Mr. George W. Brandt, The University of Bristol, 8. Encontra-se neste momento em Londres o Cacá Diegues, que já empurrei para uma entrevista na BBC, destino que espera também o Geraldo caso ele, como faço votos, acabe dando as caras por aqui. Aliás, meu filho vive perguntando pelo “titio vaiano”. *Donc*, não demore, *please*.

Um grande abraço *a tutti quanti* e não deixem de escrever (mas não em *ambos* os lados do papel aéreo, como da última vez, que me arrebentaram os olhos!)

'nté,

Vlado

[Manuscrito:] Se o Pallero já tiver chegado, deem-lhe um abraço de todos nós.